

21 SET 1992

IDA-FEIRA

ESTADO DE SÃO PAULO

econ p 2

O risco

LUIZ CARLOS ORTOLAN

O Brasil passa pela fase mais difícil de sua História. Todo o transtorno vivido pela Nação se resume, entretanto, à superação de um modelo sociopolítico esgotado.



A tensão existente no País é o resultado desse conflito.

Um dos produtos mais lastimáveis da crise por que passamos foi a chamada *década perdida*. Estima-se que, se tivéssemos mantido o crescimento da década de 70, poderíamos ter passado da 40ª para a 33ª posição em renda per capita.

Perdemos cerca de US\$ 500 bilhões em produto naquele período. Os investimentos estrangeiros que deixaram de ser aportados foram da ordem de US\$ 10 a US\$ 20 bilhões. Aproximadamente, US\$ 30 bilhões de capital doméstico

migrou do País.

Outra consequência desse conflito foi a inflação, que se tornou um problema intratável, haja vista as políticas erráticas e os ziguezagues dos sucessivos choques econômicos. De 1986 a junho de 1991, a inflação chegou a mais de 4.000.000%. Especificamente, 4.586.658,13%.

De políticas erráticas, marcadas pelo imediatismo político, o período foi fértil. Desde 1979, tivemos cinco congelamentos de preços e salários, 21 políticas salariais, 16 políticas cambiais, 25 de controles de preços, 12 políticas de correção monetária, três colapsos cambiais (dois deles seguidos de moratória) e incontáveis mudanças tributárias. Cada um destes fracassos teve um culpado. Criatividade para isso, é necessário reconhecer, não faltou.

A política econômica do ministro Marcílio Marques Moreira, entretanto, é um contraponto a este imediatismo e experimentalismo inconse-

quente. As reformas econômicas encaminhadas e a condução da política econômica estão no rumo certo.

A onda de liberalização do Leste Europeu e a experiência bem-sucedida em alguns países latino-americanos marcam claramente os caminhos para a superação da nossa estagnação e inflação. Foram estes os princípios que embalarão a eleição do presidente da República.

Os protestos suscitados contra a atual orientação do Ministério da Economia incorrem nos erros que nos levaram à década perdida. Trata-se de uma manifestação das forças atrasadas da sociedade, que chegam a atribuir à orientação econômica do governo falhas estruturais geradas por esses mesmos setores.

O caminho escolhido pelo governo pode parecer a alguns longo demais, mas nenhuma outra opção pode ser considerada verdadeiramente um atalho. O Brasil está se preparando para a nova realidade

econômica mundial, a que já chegamos atrasados, mas com um bom cacife.

Somos um país com grande mercado interno, uma base industrial sólida e diversificada. Contamos com recursos naturais importantes, já dispomos de capacitação tecnológica expressiva em alguns setores e temos um bom potencial de desenvolvimento científico e tecnológico.

Nossas vantagens são grandes, mas o tempo é o maior obstáculo à superação de nossos problemas. Uma mudança de rumo, no momento, na orientação da economia pode nos levar a um grande "tropeço" no rumo da História. Corremos o risco de repetir o fracasso de outras civilizações, que não direcionaram corretamente seu potencial e submergiram na decadência, sem haver usufruído plenamente seu apogeu. Esse, obviamente, não é o caminho que desejamos.

■ Luiz Carlos Ortolan é vice-presidente das Empresas Dow.